

Uma decisão no Dhamma – por S. N. Goenka

(Uma narrativa autobiográfica)

Shri Yadu Kumar Siddhi, do Nepal, participou de vários dos cursos pioneiros de Vipassana em Bodi Gaia, beneficiando-se significativamente e o mesmo foi feito por muitos de seus amigos e familiares. Logo, eles começaram a me solicitar, fervorosamente, que conduzisse um curso no Nepal, em Birganj ou em Katmandu.

Também queria visitar o Nepal – para ensinar o Dhamma e por outras razões. Sentia uma grande atração pelas vibrações puras dos Himalaias, tão favoráveis à meditação. Havia ainda uma atração maior: foi o Nepal que deu origem ao inestimável grande ser, o Buda, que redescobriu a técnica de Vipassana e revelou o caminho da libertação para tantas pessoas.

Mas, visitar o Nepal não era possível porque eu era um cidadão de Mianmar. O governo de Mianmar havia muito generosamente me dado um passaporte, mas eu podia viajar legalmente apenas para a Índia.

Para o benefício do povo nepalês, conduzi um curso em setembro de 1972 em Raxaul, no lado indiano da fronteira indo-nepalesa. Alguns poucos da cidade de Birganj, no outro lado da fronteira, puderam frequentar o curso e alguns vieram de Katmandu. Além disso, muitos não-meditadores de Birganj foram autorizados apenas a ouvir as palestras da noite.

Após a conclusão bem-sucedida desse curso, a população de Birganj insistiu fortemente para que conduzisse um curso em sua cidade. O argumento deles era o de que Birganj possuía uma estrutura melhor do que a de Raxaul e que isso iria atrair um número maior de pessoas para um curso. Contei-lhes as minhas dificuldades.

“O senhor é de origem indiana. Não teria dificuldade em atravessar a fronteira e passar pelas autoridades da imigração, ao usar o *dhoti* e a *kurta*”, eles alegaram. “Indianos e nepaleses podem visitar livremente o país um do outro, sem a necessidade de um visto.”

Mas, essa sugestão era totalmente inaceitável para mim. Eu tinha perante mim o exemplo nobre de meu professor Sayagyi U Ba Khin. Ele queria muito vir à Índia e, pessoalmente, saldar a dívida de gratidão ao devolver esta maravilhosa técnica de Vipassana ao seu país de origem, que

a havia perdido. Então, solicitou um passaporte ao então governo de Mianmar. Mas o governo estava restrito à sua própria política. Ele poderia ter o passaporte apenas se deixasse o país para sempre ou se conseguisse um emprego no exterior.

Lembro-me claramente de estar presente quando U Win Pe, o secretário de gabinete do governo de Mianmar, veio ver Sayagi no Centro de Meditação Internacional. Ele havia sido mandado pelo Ministro do Interior, o Coronel Kyaw Soe, para aconselhá-lo sobre este assunto. U Win Pe era também um aluno de Sayagi. Não apenas o Ministro do Interior, mas a maioria dos ministros do gabinete, tinha um grande respeito por Sayagi U Ba Khin. Mas eles também pareciam estar de mãos atadas. Então, U Win Pe sugeriu que Sayagi obtivesse uma carta de emprego com um de seus alunos que viviam no exterior. Esta sugestão não se baseava na verdade e, portanto, era totalmente inaceitável para Sayagi.

Como poderia ele ensinar o puro Dhamma, quando o primeiro passo, em si, estaria sendo tomado contrariamente à *s²la*? Como poderia a jornada no Dhamma ser realmente bem-sucedida? Ao manter esse princípio básico em mente para ensinar o Dhamma, tampouco eu poderia aceitar a proposta do povo de Birganj. Muito francamente, disse-lhes que era um cidadão de Mianmar e que não poderia me declarar como sendo indiano às autoridades da imigração do Nepal.

Um industrial nepalês muito rico participou deste curso. Ele tinha grande influência em muitos departamentos diferentes do governo do Nepal. Sugeriu que entrasse em seu país em seu carro. Nenhum oficial de imigração iria sequer questionar se eu era ou não indiano. Desta forma, poderia me abster de dizer mentiras. Mas como poderia eu aceitar essa sugestão também? Afinal, inverdade era inverdade e desonestidade era desonestidade. Portanto, não poderia ir ao Nepal e continuaria a oferecer os cursos apenas na Índia.

O tempo passou. Milhares de alunos de todo o mundo começaram a vir à Índia para freqüentar cursos de Vipassana. Eles começaram a implorar para que eu fosse aos seus países para conduzir cursos de Vipassana. Diziam que seus próprios familiares, amigos e milhares de outras pessoas que não poderiam vir à Índia iriam também se beneficiar desta maravilhosa técnica. Estavam convencidos de que os ocidentais aceitariam prontamente uma técnica tão científica, racional, não-sectária e orientada para os resultados como Vipassana.

Bem verdade. Meu reverenciado professor também acreditou que a pura técnica de Vipassana iria se espalhar da Índia para o mundo inteiro. Mas, como ela poderia se espalhar, a menos que cursos fossem conduzidos em outros países? Portanto, apelei para a embaixada de Mianmar, em

Nova Delhi, pedindo a inclusão de endossos em meu passaporte a fim de viajar para outros países.

O embaixador e outros funcionários da embaixada eram muito conhecidos meus. Estavam felizes com o meu trabalho no Dhamma e muito ansiosos para me ajudar a levar Vipassana para outros países. Mas, conceder novos endossos não estava em sua alçada. Então, reenviaram minha solicitação ao Ministério das Relações Exteriores do Governo de Mianmar, em Yangon. Minha solicitação foi rejeitada, porque o governo de Mianmar estava restrito à sua própria política rigorosa.

Então, eu apresentei um recurso explicando, em detalhe, porque era necessário, e de interesse de tantas pessoas sofredoras ao redor do mundo, que eu visitasse vários países e ensinasse Vipassana a todos. Mas, a embaixada se recusou a enviar o recurso, porque estavam tão certos de que as autoridades em Yangon não iriam aceitá-lo. Portanto, continuei dando cursos apenas na Índia.

Mais tempo passou. A pressão de alunos estrangeiros aumentou. Então, escrevi para meu amigo U Thi Han, em Yangon. Muito entusiasmado por descobrir que havia tanta demanda por Dhamma em países ocidentais, ele sentiu que eu deveria ir e oferecer os cursos lá.

Foi por causa dos esforços incessantes de U Thi Han que eu consegui o passaporte para vir para a Índia servir minha mãe, que estava aqui sofrendo de uma doença mental. Ele era, naquela época, o Ministro das Relações Exteriores de Mianmar. Mas, agora aposentado, aconselhou-me enviar um recurso ao coronel Maung Maung Kha, o então Primeiro Ministro. Ele se ofereceu para recomendar-lhe o meu caso.

O coronel Maung Maung Kha era um grande amigo meu. Durante o governo provisório, sob o comando de U Thi Han, eu, por duas vezes, integrei as delegações de comércio do Governo, para a Índia e para a União Soviética e também para outros países comunistas da Europa. O coronel Maung Maung Kha integrou também ambas as delegações. Eu o conhecia antes disso, mas a nossa intimidade cresceu durante essas visitas ao exterior.

Quando o Governo revolucionário chegou ao poder, ele se tornou Secretário do Ministério da Indústria. Depois, tornou-se Ministro da Indústria e, então, foi promovido a Primeiro Ministro. Por causa do seu relacionamento próximo com o Primeiro Ministro, o coronel Maung Maung Kha, estava esperançoso de que aceitaria a meu recurso. Juntamente com o recurso, também escrevi uma carta pessoal. Porém, eu não recebi resposta alguma dele.

Embora estivesse muito feliz e orgulhoso do trabalho de disseminar Dhamma, parecia que também era incapaz de mudar a política rígida do Governo. Ele também não pôde ajudar.

Muitos anos depois, em 1990, quando visitei novamente a minha terra natal, Mianmar, através de um convite do Governo de Mianmar, U Maung Maung Kha havia se aposentado. Um grande número de velhos amigos veio me encontrar e me congratular pelo meu sucesso.

Lembro-me de que U Maung Maung Kha foi a primeira pessoa a vir à residência de meu filho U Shwe para se encontrar comigo. Expressava tanta felicidade e me congratulava pelo meu sucesso em meu trabalho no Dhamma. Ainda assim, quando era o Primeiro Ministro, tinha se mostrado incapaz de aceitar meu recurso e me autorizar a viajar ao exterior para o serviço do Dhamma, por causa da rigorosa política do Governo.

Então, eu não podia visitar qualquer país além da Índia. Além disso, os alunos nepaleses começaram novamente a recorrer ao velho argumento de que não era necessário passaporte algum para um indiano visitar o Nepal.

Um alto funcionário do governo do Nepal participou de um dos cursos e me assegurou que ele organizaria a minha visita e que seria totalmente responsável pela minha viagem. Mas, obviamente, eu não poderia aceitar tal sugestão.

Sentia intensamente que, sendo um cidadão de Mianmar, a menos que o Governo de Mianmar me desse permissão, não deveria ir a qualquer outro país, além da Índia, por mais nobre que fosse a causa, por mais segura que a viagem pudesse ser.

Não era apenas uma questão política e de obstáculos legais, era uma questão de responsabilidade moral. Se eu fosse ao Nepal para oferecer um curso de puro Dhamma, não poderia fazê-lo tendo como base uma decisão equivocada e ilegal. Consequentemente, mais uma vez, recusei-me a aceitar o apelo para visitar meus alunos nepaleses.

Hoje, quando relembro tudo o que passou, sinto uma grande satisfação no Dhamma: a minha decisão foi realmente correta. Se tivesse rompido as regras, ignorado a questão moral e ido ao Nepal, então, a pureza de servir o Dhamma teria sido poluída. E isto estaria me afligindo, como uma flecha penetrante, ao longo de toda a minha vida.

Quando a hora chegou, pude visitar o Nepal para servir o Dhamma, sem embuste. E Dhamma se

disseminou, como o meu professor previu. Assim sendo, a decisão tomada naquele momento foi uma boa decisão, foi uma decisão no Dhamma.